

O FUTURO DE UMA ILUSÃO

Maria da Penha Fornanciari Antunes¹

FREUD, Sigmund. *O futuro de uma ilusão*. O mal-estar na civilização e outros trabalhos. Volume XXI (1927-1931). Traduzido do alemão e do inglês, sob direção de Jayme Salomão. Tradução de José Octávio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda., 1969.

Com o conhecimento que adquiriu sobre a origem e o processo de evolução do homem, Freud (1927) esboçou na obra *O futuro de uma ilusão*, a preocupação sobre as tantas transformações que a humanidade ainda sofreria no contínuo processo civilizatório.

Até o momento em que escreveu esta obra ele observou que as previsões que os homens eram capazes de fazer sobre o futuro originavam-se, conforme suas experiências pessoais, seu temperamento, acesso aos conhecimentos existentes, e amadurecimento, em termos de distanciamento das vivências ocorridas. Ou seja, nenhuma análise provinha de sabedoria diferente (poder extra-sensorial), que não tomasse como base os conhecimentos empíricos e/ou científicos já produzidos pela humanidade.

Freud argumentou, então, que emitir um juízo sobre o destino dos homens era uma grande e séria tarefa, e essa seriedade determina, conforme o autor, o que irá falar sobre a civilização humana, considerando que a expressão *civilização* significava tudo o que evoluíra no ser humano e o diferenciava dos animais. Neste sentido dois aspectos foram destacados: os conhecimentos desenvolvidos no controle e exploração da natureza em seu benefício; e as leis criadas para normatizar a convivência social.

Esses dois aspectos estão interligados, pois o homem, apesar da evolução que sofreu e das normas de convivência que estabeleceu, não deixou de trazer consigo desejos instintivos, que precisam ser a todos os momentos dominados para que seja possível a vida em comunidade.

As leis e os conhecimentos cumprem o papel de proteger a civilização contra o próprio indivíduo, que apesar de não ter condições de sobreviver só, precisa fazer sacrifícios para cumprir as normas de convivência comunitária.

Freud afirma que a civilização foi imposta à maioria por uma minoria que com os conhecimentos científicos/tecnológicos e legais, desco-

¹ Mestre em Educação pela UFMT, professora da Universidade do Estado de Mato Grosso.

briu como explorar a natureza, obter riquezas e bens necessários à vida confortável, estabelecer relações de poder, coagir os homens a respeitar as leis e produzir riquezas através do trabalho, convencendo-os da necessidade de controlar os instintos e sobre a importância de conviver socialmente, com distribuição de benefícios e riqueza de forma desigual.

Argumenta que as formas culturais desenvolvidas são imperfeitas, sendo discutível a idéia de que, se fosse abolido o estado de coerção e a repressão dos instintos, os homens viveriam em harmonia, e que a exploração e distribuição de riquezas seriam feitas de forma que todos pudessem usufruir seus benefícios. Acredita que se faz necessário considerar que os homens possuem tendências destrutivas e anti-sociais, e que em um número bastante elevado, essas tendências poderiam determinar o comportamento das pessoas em sociedade, caso cessassem as normas de coerção.

O maior problema da civilização, segundo Freud, não reside na desigualdade material e sim na mental. São necessárias lideranças que controlem as massas, dêem exemplos de renúncia instintual e disposição para o trabalho, pois os homens por si só, não gostam do trabalho e não dominam suas paixões por crer em argumentos, cujas pretensões sejam definir (abstratamente) o que é melhor ou pior para a vida humana.

Existem teorias a respeito da educação baseadas no amor em equilíbrio com a razão, para preparar massas dispostas às convivências sem coerção, porém Freud questiona: quais seriam esses educadores que não teriam sofrido coerção para serem capazes de educar desta forma?

Toda civilização para o autor, repousa “numa compulsão a trabalhar e numa renúncia ao instinto” (p.21), porém isso não é espontâneo, e para que os homens se disponham a cumpri-las, necessário se faz a coerção que reconcilie os homens com a civilização e recompense pelos sacrifícios das repressões. Os regulamentos se baseiam na frustração, proibição e privação.

Na categoria de privações que afetam a todos, estão as que separam o homem de sua condição animal, ou seja, os desejos instintuais que cada criança traz ao nascer. As primeiras renúncias instintuais impostas pela civilização são o canibalismo, o incesto e o desejo de matar os semelhantes.

A mente humana evoluiu, conforme o desenvolvimento científico e tecnológico, pois o superego é responsável por assumir e incluir em seus mandamentos, os regulamentos para tornar o homem um ser moral e social.

A maioria dos homens reprime seus desejos instintuais primitivos (pela coerção), porém satisfazem outros desejos ou impulsos que

prejudicam os semelhantes, mas que podem ser, de certa forma, camuflados e livres de punição. Isso demonstra a incapacidade do homem de ser totalmente moralizado. Outro fator bastante comum é o das restrições que se aplicam a grupos provenientes de classes pouco favorecidas, às quais é imposto um excesso de privações e trabalho, para manter privilégios dos mais ricos ou detentores do poder, que não sofrem iguais imposições e privações.

Os grupos oprimidos podem desenvolver certo grau de hostilidade a ponto de sentirem revolta e desejo de destruir os postulados nos quais se baseia a civilização.

A civilização foi criada pelo homem para defender-se do poder da natureza e para possibilitar a vida comunitária, isso num processo longo de compreensão das leis naturais. Quando, no entanto, ela (a natureza) decide enfurecer-se, torna-se incontrolável e mostra ao homem que este é fraco e desamparado diante de seu poder superior. A civilização defende o homem contra a natureza e contra os terrores invisíveis que enfraquecem sua auto-estima.

A fim de aliviar o sofrimento humano, ou para que este sofrimento seja aceito com mais naturalidade, foi criada já por antigas civilizações a figura de um pai universal que deve ser amado e temido, que pode castigar, mas protege. O sofrimento deste mundo será recompensado por nova vida após a morte. Tudo que acontece aos homens é determinado pela sabedoria de um ser superior, que não se pode ver, mas com o qual se pode falar, e clamar por ajuda em momentos de aflição.

As idéias religiosas como as outras realizações da civilização, surgiram pela necessidade de defesa contra a superioridade da natureza, como também para justificar os sacrifícios advindos das desigualdades e injustiças, ou seja, “as deficiências da civilização, que se faziam sentir penosamente” (p. 33).

A figura de Deus, segundo Freud, foi criada para substituir a do pai. Na infância a criança sentia-se protegida pelo pai. Quando adulta sentindo-se desamparada, precisando da proteção de alguém mais forte contra “as conseqüências de sua debilidade humana” (p.36), transfere esse poder do pai para Deus.

As idéias religiosas só possuem significação psicológica. Não existe nenhuma idéia ou argumento que a razão possa aceitar como prova das verdades das doutrinas religiosas. As igrejas sustentam que as doutrinas religiosas estão fora da jurisdição da razão, e a filosofia argumenta que nossas atividades cognitivas incluem hipóteses para as quais não possuímos fundamentos racionais, mas os compreendemos “como se” fossem válidos.

As idéias religiosas têm origem psíquica. São ilusões dos desejos do homem de, na vida adulta, continuar a receber proteção de alguém que possua força para garanti-la como seu pai o fazia na infância.

Como a vida terrena é dura e acompanhada de muita injustiça nas relações de toda natureza, os homens encontram forças para suportá-la acreditando na existência da justa e benevolente providência divina.

Esse desejo de amparo, amor e proteção paterna que leva o homem a crer num deus, pai poderoso, apesar de ser uma ilusão que alimenta a “psiquê individual” (p.43), não é considerado por Freud como um erro. São ilusões porque são “insuscetíveis de provas” (p.44), se derivam dos desejos humanos, não podem ser cientificamente comprovadas.

Considerando como se um interlocutor o questionasse, sobre as inúmeras pessoas que encontram forças nas doutrinas religiosas para suportar as dificuldades da vida, Freud argumenta que se mantendo atrelada à ilusão religiosa da existência de Deus, a civilização correria maior risco.

Apesar de a religião ter contribuído para o processo civilizatório, principalmente para domar os instintos sociais, para o autor, o principal objetivo da religião deveria ser o de reconciliar o homem com a vida e com as condições por ela imposta, e fazê-lo sentir-se feliz aceitando a vida com naturalidade. E isso ela não conseguiu.

Os representantes da religião só conseguiram seguidores, propagando a imagem de um deus forte e poderoso, que pode castigar o homem fraco e pecador.

Desta forma, os homens não se sentem felizes e seguros com esse pai. A religião criou e disseminou a idéia de que a vida na terra é um sofrimento que só pode ter fim com a morte, com a promessa de que existe outra vida, a qual seria enfim, de felicidade eterna. Ainda assim, só teria direito a essa vida feliz após a morte, aqueles que não tivessem pecados.

A idéia de que Deus cobra sacrifícios para perdoar os pecadores, faz o homem sentir-se vulnerável perante a força de Deus, e também de certa forma, com liberdade para pecar novamente. Para que a benção de Deus seja concedida é, então, necessário pecar.

E ainda, o castigo de Deus pode ocorrer nesta vida ou na futura. Matar o semelhante é proibido por Deus e para isso não tem perdão. Então, esse desejo instintual é controlado.

Mas Freud questiona: e se a Ciência um dia provar que Deus não existe? Se os homens viverem iludidos apenas com a promessa da compensação de Deus por uma vida melhor após a morte, e a Ciência um dia provar que isso não passou de delírios ou artifícios dos doutrinadores religiosos? Então, os homens não terão outras esperanças a que se agarrar e

nem os castigos a que temer, e se destruirão, pois os sentimentos não foram corretamente desenvolvidos e a instrução (educação) para a compreensão do mundo não foi realizada.

O pensamento científico, as descobertas que já foram feitas, inclusive demonstrando inveracidades de documentos religiosos, e o espírito científico que cada vez mais desmistifica os dogmas, mostram que os homens instruídos são civilizados pelos conhecimentos que lhes dão a compreensão das coisas do mundo.

Freud finaliza a obra fazendo uma crítica a religião no sentido de que os valores humanos, ou que humanizam o homem, não foram desenvolvidos pela religião, ou a religião não teve competência para fazê-lo.

O sentimento de amor pelo semelhante a ponto de lhe querer bem, não se deu de forma pura e natural como deveria ser. Os instintos são mais fortes do que os sentimentos de amor, solidariedade e fraternidade.

O mandamento de amar uns aos outros não foi corretamente assimilado. A religião só conseguiu fazer com que houvesse respeito à imagem de Deus pai, que como o pai terreno *castiga* pelo erro cometido. Não foi possível desta forma, convencer o homem pelo que era melhor ou mais adequado socialmente, mas sim pelo que era proibido por Deus.

Apesar do poder que a religião teve nesse processo de convencimento, Freud a compara à neurose. Os seres humanos passam, desde criança até se tornarem adultos, vivendo certas neuroses, as quais em sua maioria são superadas naturalmente, e em alguns casos, restam conflitos que necessitam de ajuda psicanalítica.

Assim, Freud considera que a religião “seria a neurose obsessiva universal da humanidade” (p.57).

O afastamento da humanidade da religião libertando-se da submissão aos poderes divinos, à medida que esta amadurece e desvenda os enigmas da natureza através do conhecimento científico, faria o homem evoluir racionalmente. Traria a possibilidade do desenvolvimento do intelecto não embaçado pela doutrina religiosa. Se a criança pudesse ser educada, justamente na fase em que seu intelecto está em pleno desenvolvimento, sem os ensinamentos religiosos que permeiam os científicos e que, geralmente, causam confusão sobre o que é real e o que não é, seria natural quando adulta, ver a vida terrena como a única que possuímos e, por isso, ser preciso aproveitá-la numa vivência harmoniosa com todos os homens, por convivermos no mesmo planeta que tem o privilégio da vida. E esta vida é que precisa ser bem vivida, com a sublimação dos desejos instintuais e o cultivo dos sentimentos, ações, e valores que nos humanizam, pois esta seria a chance única de uma vida.

Os avanços do desenvolvimento intelectual e científico e o desvendamento dos fenômenos naturais trariam revelações concretas, dando provas de que isso não é uma ilusão.

Esse conhecimento concreto do mundo não faria, segundo Freud, o homem perder o interesse pela vida terrena ou desacreditar nos homens, como as doutrinas impuseram: que só a esperança de ganhar a vida após a morte ou a crença no castigo, podendo perdê-la, conseguiria o domínio psicológico dos instintos humanos e o respeito e o amor de uns pelos outros, porque Deus pai assim determinou.

Apesar dos religiosos terem se esforçado para desmentir, desprestigiar, descaracterizar as verdades científicas que advieram todas da observação e interesse prático do ser humano, elas evoluíram precisamente por causa desse interesse utilitarista do homem pelas coisas da natureza.

As percepções humanas e o “aparelho psíquico” se desenvolveram justamente porque o homem é parte integrante da natureza, necessitou de utilizá-la em seu benefício, e isso o forçou a abstrair os conhecimentos que o beneficiassem.

Assim, a ciência não é ilusão, mas a religião sim o seria, pois promete benefícios que só poderão ser adquiridos pela subjetividade da fé e não apresenta nenhuma prova concreta de que isso seja realmente possível.

Ao escrever essa obra, Freud argumenta que as pessoas crentes provavelmente não seriam influenciadas ou deixariam de crer pelo que ele escrevera. Se alguém pudesse ser prejudicado com suas idéias seria ele mesmo (o autor), considerando que poderiam julgá-lo ou recriminá-lo, associando a Psicanálise (criada por ele), à negação de Deus à idéias morais.